

*A poesia brota
do Cerrado,
lírica e telúrica,
como as flores
do ipê florescem
na Primavera*

*Amo o quê há de
ambíguo num
porto de mar, que
convida a partir e
ensina a ficar...*

Cassiano Nunes

**DF
LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 39/43

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

Narrativas poéticas

□ Nilto Maciel

Wilson Pereira tem o domínio das técnicas de narrar. Seus personagens são acabados, desenhados, embora os “meninos” sejam sempre meninos, sem grande distinção entre uns e outros, como se todos eles fossem uma criança chamada Wilson.

Histórias para crianças e para adultos. Sim, há limites separando umas de outras. Porém esses limites se tornam imperceptíveis para o leitor adulto mais ou menos familiarizado com a boa literatura que lê uma dessas narrativas para crianças e não sente necessidade de a rotular de “história infantil”.

Os estudiosos costumam chamar de “literatura infantil” e “literatura infanto-juvenil” as obras menores. No entanto, as obras maiores eles não as chamam de “literatura adulta”. Talvez pudessemos inventar outros rótulos, como “literatura madura” e “literatura idosa”. Uma seria destinada às pessoas entre 30 e 60 anos, mais ou menos. Outra, às pessoas da chamada “terceira idade”. Denominação também adequada a esta última categoria seria “literatura senil”.

Alguns escritores (sobretudo narradores) têm se dedicado a escrever para crianças. São escritores infantis e, ao mesmo tempo, senis. Porém, há alguns anos, pessoas como Jonathan Swift escreveram com enorme criatividade, e suas obras foram e serão lidas, sempre com muito prazer, por crianças, jovens e adultos.

Escritores infantis são aqueles que estão aprendendo a escrever. Os senis são os que nunca aprenderam a escrever.

O poeta Wilson Pereira é também autor do belo livro de narrativas “*Amor de Menina*”. Segundo os especialistas em Literatura, trata-se de obra da Literatura Infantil. São histórias de meninos e animais. Ou somente de animais, como a do jericó e da onça, que é uma anedota escrita em linguagem trabalhada e poética. Aliás, o livro todo traz essa linguagem dos bons escritores, dos escritores sem idade definida, mas que nunca chegam à senilidade mental.

Wilson Pereira tem o domínio das técnicas de narrar. Seus personagens

são acabados, desenhados, embora os “meninos” sejam sempre meninos, sem grande distinção entre uns e outros, como se todos eles fossem uma criança chamada Wilson. “Ser menino era mesmo muito bom.” (p. 16).

Tudo nas curtas narrativas de “*Amor de Menina*” é passado, é infância, é poesia. Não há miséria social, embora haja dor e morte. Há medo, há os sentimentos comuns a todos nós humanos e, sobretudo, a nós meninos. A poesia da infância. Não poesia infantil, que poesia pueril não chega a ser poesia.

Curiosamente, não há diálogos em nenhuma das histórias do livro. Assim, a linguagem se mantém limpa, trabalhada. Caso Wilson tivesse optado pela utilização do discurso direto, reproduzindo o linguajar rural e infantil, certamente a linguagem não teria a beleza que tem.

O ambiente rural brasileiro, especificamente mineiro, é pintado no livro com riqueza de detalhes: “Manhãzinha fria de inverno. O capim, molhado de orvalho, estava verde-grisalho.” (p. 22). As situações são sempre reais e, ao mesmo tempo, de sonho, fantasia. O mundo da criança ou o mundo dos bichos segundo a criança. Daí alguns contos de flagrantes, às vezes episódios de memórias, quase crônicas, como “*Arengas*”.

As ilustrações de Denise Rochael se casam maravilhosamente aos textos de Wilson Pereira. O traço é primitivo, as cores apropriadas às narrativas e a perspectiva foge à técnica mais tradicional.

As histórias de “*Amor de Menina*” são de fácil leitura para crianças, embora não sejam nada infantis, pueris, inacabadas. Pelo contrário, são narrativas de um escritor amadurecido, bom, apto a outras realizações literárias.

Nilto Maciel é contista e romancista.